

MARCADORES PRAGMÁTICOS DE RELEVÂNCIA EM NARRATIVAS ORAIS DA AMAZÔNIA

Megan Duque-Estrada
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Este trabalho investiga o uso dos marcadores pragmáticos **né** e **sabe** em narrativas orais acerca do imaginário da Amazônia, tendo como objetivo a identificação da função de relevância em histórias de encantamento e assombração. É uma pesquisa de cunho empírico-indutivo, com o suporte teórico básico da Análise da Conversação, complementado por conceitos oriundos da Pragmática, do Princípio da Pertinência e das Estruturas de Expectativa, além de estudos sobre a narrativa oral, na linha da Sociolinguística.

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores pragmáticos; relevância; narrativas orais.

ABSTRACT

This paper investigates the use of the pragmatic markers **né** and **sabe** in oral narratives about the Amazonian imagery with the aim of identifying their relevance function in ghost stories. It is an empirical and inductive research which uses theoretical concepts from Conversational Analysis, as well as some contributions from Pragmatics, Sociolinguistics (oral narratives), the Relevance Principle, and the Expectation Structures.

KEY WORDS: Pragmatic markers; relevance; oral narratives.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga o uso de marcadores pragmáticos em narrativas orais acerca do imaginário da Amazônia. Seleccionamos dois representantes desse conjunto — *né sabe* –, para serem analisados, tendo como objetivo a identificação da função de relevância em histórias de encantamento e assombração.

É uma pesquisa de cunho empírico-indutivo, com o suporte teórico básico da Análise da Conversação, complementado por conceitos oriundos da Pragmática, do Princípio da Polidez, do Princípio da Pertinência e das Estruturas de Expectativa, além de estudos sobre a narrativa oral, na linha da Sociolinguística.

A partir da discussão teórica e do levantamento estatístico dos dados, constatamos a existência de funções comuns aos marcadores *tags* (MTs), assim como funções específicas de cada um dos elementos analisados, que variam de acordo com fatores como a natureza da interação, a fonte enunciativa, as intenções comunicativas dos interactantes, o tipo e o conteúdo dos enunciados que os marcadores abrangem, a modalidade de texto e as seções da narrativa, o contexto e a situação de comunicação. Observamos, também, a possibilidade de intercâmbio em determinadas situações.

A escolha e o uso dos MTs, nas narrativas orais objeto desta investigação, são afetados pelo gênero de texto em que se inserem e motivados, principalmente, pela relevância e pela necessidade de preservação das faces. Neste trabalho, abordaremos apenas os usos de marcadores pragmáticos motivados pela relevância de determinados elementos das histórias.

2 O PRINCÍPIO DA PERTINENCIA

O *Princípio da Pertinência*, segundo o conhecido trabalho de Sperber e Wilson (1986) baseado numa visão geral

da cognição, é essencial para explicar a comunicação humana. Os autores argumentam que os processos cognitivos são orientados no sentido de obtermos o maior efeito possível, por meio do menor esforço de processamento, e é necessário, para isso, que concentremos nossa atenção no que nos pareça ser a informação disponível mais pertinente.

A presença de certos MTs numa narrativa pode indicar a relevância de algumas expressões ou de alguns trechos da história, além de outras intenções comunicativas dos interactantes. Sendo assim, achamos interessante lançar mão da teoria desenvolvida por Sperber e Wilson para confirmar tal hipótese. Concordamos com esses autores quando dizem que o processamento da informação demanda esforço e que para que este seja despendido é necessário haver expectativa de recompensa: não haveria sentido em chamar a atenção de alguém para um determinado ponto, caso ele não fosse relevante e merecesse receber tal destaque, ou seja, se não fosse digno da nossa atenção e importante para o nosso interlocutor.

3 AS ESTRUTURAS DE EXPECTATIVA

Neste estudo, consideramos também que a relevância tem relação direta com a quebra de expectativa e, nesse aspecto, recorreremos ao trabalho desenvolvido por Tannen (1979), a partir de um projeto sobre narrativas desenvolvido por Chafe (1977). O trabalho que Tannen apresenta é voltado para a produção da linguagem e como esta é afetada pela expectativa. É a noção de *evidência de expectativa* dessa autora que procuramos identificar nas narrativas orais.

As *estruturas de expectativa* desempenham interessante papel na comunicação humana em relação à produção e à compreensão de narrativas e estão ligadas a muitas ocorrências de MTs nas produções orais que analisamos. Notamos que, em narrativas conversacionais, o *né* tem a função de chamar a atenção do ouvinte para algum dado

pertinente para a compreensão da história ou crucial para a sua continuação. Esse tipo de conteúdo-chave ligado à situação de sinalização de transferência de informação é apresentado de modos variados: pode ser uma digressão asseguradora de compreensão (DAC), uma apresentação ou descrição de personagem, ou uma seção de avaliação. Encontramos esses três tipos de conteúdo também nas narrativas orais sobre o imaginário paraense, numa análise bem mais detalhada e ilustrativa, além de outros que comentaremos mais adiante, como alguns enunciados de evento e de estado importantes para o estabelecimento do clímax da história.

Nas narrativas que analisamos, o narrador recorre à digressão para suspender o assunto em curso e fornecer o apoio necessário ao assunto anterior, para que o ouvinte, por meio de dados adicionais, o compreenda melhor¹. Em muitos relatos, os MTs **né** e **sabe** aparecem ligados a esse tipo de digressão. Observem-se os exemplos:

[01]

O lobisomem

*Pequena, então eu tinha aquilo, aquelas, aquelas plantas que eu ia vender pro pessoal [lá na beira]. Não sei se tu **sabes, uirapuru, né, planta**. Eu tinha cento e cinquenta pés. E, menina, estava um varal enorme!*

Em [01], o narrador interrompe o assunto em curso para assegurar-se de que o ouvinte tem consciência de que ele está falando de uma espécie de planta chamada uirapuru, e não do pássaro do mesmo nome, que é muito mais conhecido. Nesse caso, temos uma digressão asseguradora de compreensão com função metalingüística. Essa digressão, que traz em seu bojo o MT **né**, localizado no meio do enunciado, é precedida por um enunciado de estado com o verbo *ter*, utilizado também pelo narrador na retomada do

¹ As DACs são digressões baseadas no ouvinte e o seu conteúdo possui relação com o conteúdo anterior.

assunto, numa expansão. A repetição é uma estratégia muito comum na reintrodução do tópico, após uma digressão, tanto nas histórias que analisamos quanto em outros gêneros conversacionais, como bate-papos e entrevistas, entre outros.

Notamos que houve uma digressão pela mudança discursivo-temporal — passou-se do pretérito imperfeito narrativo (*tinha*) para o presente da digressão (*sei/sabes*), e deste novamente para o pretérito imperfeito (*tinha*). Houve também uma mudança da relevância tópica (as plantas que o personagem possuía) para uma relevância marginal (o significado do termo *uirapuru*). O marcador **né** põe em destaque, pontualmente, o termo que precisa ter o seu significado esclarecido (*uirapuru*). Geralmente, é este o padrão que caracteriza o uso de um MT no meio do enunciado: a existência de algum item que, pela sua pertinência, merece relevo.

[02]

Os filhos do boto

*Outro acompanhou um senhor, que vinha de uma comunidade, de canoa. Acompanhou ele. Sentou na popa da canoa dele, e ele, depois que ele encostou em terra, **que ele foi buscar armamento, né**. Quando ele se aproximou, ele caiu na água, desapareceu.*

Em [02], a DAC é um pouco diferente, trata-se de uma explicação introduzida por *que* e marcada por **né**, no fim do enunciado, estratégia também bastante comum. O narrador sente necessidade de incluir no relato a razão pela qual o homem *encostou em terra*, ou seja, puxou a canoa para a praia — para ir buscar armamento. Essa digressão tem, como fronteiras, dois enunciados de estado que indicam pontos no tempo. O pronome *ele* refere-se ora ao homem, ora ao boto. Em *sentou na popa da canoa dele* e em *ele caiu na água, desapareceu*, os enunciados de ação têm como sujeito o boto; em *e ele, depois que ele encostou em terra, que ele foi buscar armamento, né. Quando ele se aproximou*, o sujeito é o

homem. Houve apenas um deslizamento explicativo da relevância tópica para a que descreve a atividade de um dos personagens, uma justificativa, que poderia até ser tratada como uma *quase-digressão*, segundo Dascal e Katriel (1979).

[03]

O ogre

Ele pegou... Aí, abriu a barriga, tratou, parece que estava tratando dum peixe, de uma coisa assim, sabe. Tratou, botou dentro de uma vasilha, botou sal... Todinho. Foi fazer churrasco do filho.

Em [03], também temos uma digressão, composta por um único enunciado, num tempo discursivo diferente, limitada pela repetição de um verbo no pretérito perfeito narrativo (*tratou*), marcada pelo MT **sabe**, no fim do enunciado. Nesse segmento, o narrador interrompe a seqüência de ações que o protagonista havia iniciado, para explicar mais especificamente de que maneira o monstro tratou do filho, fazendo uma comparação com os cuidados que geralmente são tomados por um cozinheiro no preparo de um peixe, antes de assá-lo. Essa comparação tem o propósito de intensificar, de ressaltar a bestialidade da ação cometida pelo personagem. O narrador marca com o MT **sabe** o enunciado que indica o seu posicionamento em relação ao assunto relatado, a sua indignação em relação a aquele fato.

As digressões são produções lingüísticas geralmente curtas e temporárias e não se caracterizam como mudanças definitivas de tópico, elas não têm a pretensão de estender os novos conteúdos; quando, eventualmente, isso acontece, não são mais tratadas como digressões, passam a ser vistas como trocas de tópico. Alguns enunciados relevantes, que não podem ser classificados como digressões, mas contêm determinados itens que o narrador decide colocar em evidência, recebem MTs logo após essas produções, tal é a sua pertinência. A seguir apresentamos exemplos desse tipo de ocorrência.

[04]

O ogre

Ele entrou, levou aquilo de cavar — enxada — e mais outro negócio lá que trabalha com terra, e cavou. Tirou a criança... aí, corta as pernas, os braços, tudinho, e estava comendo. Nesse momento, ele se transformou num bicho, sabe, num bicho. Transformou-se num bicho que comia as crianças.

Em [04], a palavra *bicho* é realçada tanto pelo acréscimo do marcador **sabe** quanto pela sua repetição. Esse elemento é o item mais importante no enunciado em que se fala da transformação de um humano em besta, ou seja, o *clímax* da história. Encontramos vários MTs marcando essa seção da narrativa, tendo sua presença justificada pela importância do enunciado para a história que está sendo relatada.

[05]

Um boto diferente

E quando foi de manhã, a família da moça procurou pela moça e não encontrava. Foi achar a moça nua, né, lá na beira do rio, e... aí, a moça dizia que quando ela acordou, que era um rapaz... um rapaz, né, que parece que gostava dela, né. Que tinha abusado dela.

Em [05], duas palavras importantes do texto estão marcadas com MTs, a primeira é *nua* e a segunda é *rapaz*. O terceiro **né** marca uma avaliação. A palavra *nua* recebe destaque pelo fato de indicar uma quebra de expectativa e inserir a idéia de que algo estava errado, um prenúncio de tragédia. O marcador ocorre no meio do enunciado, pela pertinência do termo marcado para a história. *Rapaz* é duplamente destacado: é marcado pelo **né** e é repetido. Sua importância deve-se ao fato de aludir ao personagem que cometeu o delito. O último MT desse trecho marca um comentário, uma avaliação, considerada por alguns uma digressão introduzida por *que*. A propósito, a maioria das seções de avaliação é composta de digressões, visto que são

produções parentéticas e não pertencem à linha composta pelos eventos da narração. O uso desses MTs também está relacionado ao clímax da história, ao fato de o boto ter possuído a moça, como acontece num sem número de relatos sobre o imaginário amazônico.

[06]

Um boto diferente

E o boto, ele sempre aparecia, é... pra homens também.

Uma vez ele apareceu pra um rapaz, o nome dele era João...

até... e... Ele apareceu e quis tirar o calção, né, do João.

Só que o João conseguiu fugir, né.

O exemplo [06] apresenta dois enunciados marcados por **né**. Traz uma variação da lenda sobre o boto, na qual a quase vítima não é uma donzela, mas um rapaz, que consegue escapar do assédio da entidade. No primeiro enunciado com **né** pertencente ao clímax da história, o marcador está localizado no fim de um enunciado de evento, o mais relevante do trecho, aquele que indica a tentativa de agressão ao rapaz pelo boto. O segundo MT ocorre no fim de um outro enunciado de evento e marca a quebra de expectativa introduzida e sinalizada pelo MP *só que*.

Um outro fator que, de acordo com os dados, motiva a presença de MTs no meio de um enunciado é a relevância que têm para a história certos itens da seção da narrativa identificada por Labov (1972) como *orientação*. A seguir, analisamos o uso de **né** e de **sabe** como uma estratégia para apontar esses elementos no texto. Devemos observar, entretanto, que essa função pragmática dos MTs não se restringe à localização em meio de enunciado, ela ocorre também em fim de enunciado.

Chama-nos a atenção nas histórias a quantidade de MTs relacionados a itens que o narrador considera importantes para o desenvolvimento da trama. Muitas vezes, tais itens são salientados através de mais de uma estratégia linguística, tal a sua relevância para o texto

narrativo, como já comentamos. Assim, um MT pode vir acompanhado de uma repetição. Em termos de indicações supra-segmentais co-ocorrentes, pode haver também um aumento do tom ou da força com que certos elementos são pronunciados. Entre os elementos que recebem destaque especial e são freqüentemente marcados por MTs estão os protagonistas, o tempo e o lugar das histórias. O narrador destaca esses itens geralmente quando eles são apresentados pela primeira vez ao documentador, ou à sua audiência, ou então quando precisam ser lembrados, ressaltados ou alterados, na seção de orientação.

A descrição dos personagens é tão motivadora para o uso de MTs quanto a sua apresentação. Já vimos que, quando os personagens das histórias são introduzidos, é comum o enunciado vir marcado por um MT, observamos também que isto ocorre igualmente na qualificação, na indicação do estado físico ou emocional dos personagens. Geralmente elas são informações muito relevantes para a história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, observamos que esses dois marcadores — **né** e **sabe** — prestam-se pragmaticamente para indicar de que forma se coloca no discurso o narrador, que aponta elementos que julga pertinentes de acordo com a sua visão de mundo e também de acordo com o que pensa ser necessário para que o seu ouvinte compreenda melhor a história.

REFERÊNCIAS

CHAFE, W. The recall and verbalization of past experience. In: COLE, R. W. (Ed.). *Current issues in linguistic theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1977, p. 215-246.

DASCAL, M.; KATRIEL, T. Digression: a study in conversational coherence. In: PETOFI, J. S. (Ed.). *Text vs. sentence*. v. 29, p. 76-95, 1979.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: Communication and cognition*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

TANNEN, D. What's in a frame? Surface evidence for underlying expectations. In: FREEDLE, Ray O. (Ed.). *New Directions in Discourse Processing*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1979, p. 137-181. V.2.